

ARARAS LUMINOSAS

COM A EXPOSIÇÃO YAWANAWÁ – A FORÇA DA FLORESTA, MARCELO ROSENBAUM APRESENTA, EM MILÃO, UMA COLEÇÃO DE LUMINÁRIAS CRIADAS DURANTE A TERCEIRA EDIÇÃO DO PROJETO A GENTE TRANSFORMA
POR WINNIE BASTIAN

De miçanga tramada, os pendentes Shinuã representam a floresta e estarão disponíveis em tonalidades de verde, marrom e azul, em versão solitária ou com várias peças combinadas

“DESIGN ÚTIL é aquele que transcende o objeto.” A fala é do designer Marcelo Rosenbaum, que, nos últimos anos, tem pautado seu trabalho nessa filosofia. “Útil”, no caso, significa mais do que a função prática – as peças sob esse conceito devem atender a um propósito maior. É o caso das luminárias criadas na terceira edição do projeto A Gente Transforma (AGT), realizada numa aldeia indígena yawanawá, no Acre.

Em janeiro deste ano, uma equipe multidisciplinar de 30 pessoas passou quase um mês imersa na aldeia Nova Esperança, na floresta amazônica. A ideia é, por meio da troca de saberes, promover o desenvolvimento local e permitir a permanência da cultura yawanawá. O design, aqui, é usado como uma ferramenta de transformação: ele é um meio, e não o fim. O que não significa que as peças não tenham valor estético – muito pelo contrário.

Inspiradas nos mitos dessa tribo, as luminárias utilizam técnicas artesanais dominadas pelos yawanawá e fazem uso

Com 2,20 m de comp., o pendente Runuâkenê representa a jiboia, um dos animais mais sagrados para os yawanawá – a malha gráfica de miçangas rebate a luz emanada pela mangueira de LEDs, embutida na canopla metálica superior



dos kenês, grafismos que representam animais e elementos da natureza, significando “as transformações e conexões com o divino”, segundo Rosenbaum. “Não levamos nada – o que fazemos é validar e valorizar o que está lá.”

Mais do que o visual das peças, a cultura indígena também inspirou a dinâmica da criação, como explica Rosenbaum: “A ancestralidade entende que uma ideia não é de um indivíduo, mas de um coletivo. A pessoa está apta a receber aquela informação, mas para o bem comum”. Portanto, todos os produtos da coleção são fruto da cocriação entre três estúdios de design, sempre interagindo com a comunidade e seus saberes. “E cada produto carrega esse saber”, festeja Rosenbaum. Além dele, participam os estúdios Fetiche, de Carolina Armellini e Paulo Bicchí, e Nada Se Leva, de André Bastos e Guilherme Leite Ribeiro.

As luminárias criadas durante o processo serão lançadas pela La Lampe no segundo semestre, mas já poderão ser conferidas por quem visitar a exposição *Yawanawá – A força da floresta*, na mostra Brazil S/A, que acontece neste mês em Milão, durante o Salão do Móvel.

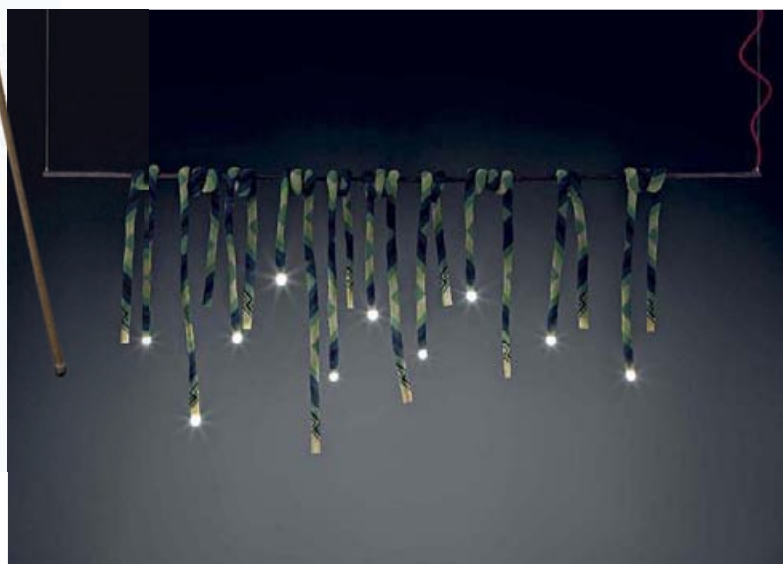
Embora o resultado dessa criação conjunta seja muito bom, Rosenbaum

faz questão de frisar que “o potencial é muito maior”, e que há uma série de ações em andamento e outras previstas – boa parte delas envolve a divulgação da cultura yawanawá, como um filme, um ensaio fotográfico e até um cardápio gastronômico. “O AGT parte da premissa de que a comunicação é tão importante como o fazer, pois permite um despertar”, defende. E conclui, com humildade e poesia: “A função das luminárias é essa, a de uma arara. [Na mitologia yawanawá, as araras levavam, no seu canto, mensagens de esperança.] É por aí que o público vai se comunicar com essa história tão rica”. ●

| veja mais em www.casavogue.com.br |



Acima, a luminária Puriti é formada por três flechas de caça, articuladas por uma fatia de cocão (um fruto da região) – na produção industrial, alguns materiais serão adaptados, mas as pontas e a peça de miçangas (que contém o interruptor) serão executados pelos yawanawá



Acima, da esq. para a dir., os designers André Bastos, Carolina Armellini, Paulo Bicchí e Marcelo Rosenbaum com o cacique Biraci Brasil, durante o processo; e, ao lado, o pendente Runuârunuahu – 11 “jiboias pequenas” de miçangas se enrolam numa trave de madeira pupunha esculpida à mão